



Cibercultura: a identidade a partir da virtualização do “eu”¹

Nayala Nunes DUAILIBE²

Ricardo Barbosa Fernandes de SOUSA³

Ed Wilson Ferreira ARAÚJO⁴

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

A reviravolta dos processos sociais, bem como a desarticulação e modificação das estruturas da modernidade tem nas identidades seus maiores reflexos. A constituição do sujeito dentro de espaços virtualizados se fixa a partir de lógicas diacríticas. Desse modo, o trabalho tem como objetivo analisar a formação da identidade pautada na cibercultura a na expressão do “eu”. A imagem juntamente com o hipertexto são interfaces para se pensar a relação das novas construções identitárias e a multiplicidade de possibilidades para a cultura e a comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; cibercultura; virtualização do “eu”; cultura.

INTRODUÇÃO

Um percurso para se compreender a construção da noção de identidade é verificar os diferentes modos como o discurso é agregado, no decorrer da história, aos elementos sociais e culturais. A questão entre a construção das identidades em contexto contemporâneo se dá pela inserção dos sujeitos e dos atributos de formação do “eu”. O elemento caracterizador da identidade forja-se quando as vias de relação entre as representações sociais passam a ser moldadas. A esse processo é considerável e notório o desenvolvimento da modernidade enquanto projeto social. A identidade é fundada num complexo projeto de mascaras e atributos necessários a formação de mecanismos de relações sociais, assim “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2006, p.13).

O percurso histórico que se fez em relação à construção do “eu” enquanto sujeito dotado de potencialidades de capacidade fez emergir os problemas que o próprio processo pode demandar. Não é possível, desse modo, evitar o confronto com o “outro” e separar a dimensão individual que a idéia de identidade pode falsamente sugerir. O campo sociológico que busca estudar esse processo se estabelece na linha entre a construção social da

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 - Interfaces Comunicacionais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante do 8º período de Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela UFMA-MA, email: nayala_duailibe@hotmail.com

³ Estudante do 8º período de Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela UFMA-MA, email: individuopensante@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor mestre do Curso de Comunicação Social da UFMA. edwilson_araujo@yahoo.com.br



coletividade e do impacto do conceito de sociedade sobre o conceito de Homem (e de Mulher).

O movimento de fragmentação das instâncias e instituições, bem como as estruturas sociais configura a pós-modernidade e faz pressupor um elemento central para entender a lógica do ciberespaço. As estruturas do ciberespaço descritas por André Lemos (2008) são pertencentes à criação de lógicas de identidade autônomas e independentes, onde existe a construção de um espaço mágico de inteligências coletivas. O conceito de ciberespaço perpassa por vários elementos, segundo Lemos (2008 p.01) o termo foi criado pelo escritor William Gibson e significa “um espaço não físico ou territorial, que se compõe de um conjunto de redes de computadores através das quais as informações circulam.

A cibercultura entra nesse contexto como um modo simbólico de produção de significado que se articula a luz de elementos que articulem a capacidade de identidades serem forjadas e mesmo a dinamicidade desse processo ser a relação entre os diacríticos das relações sociais. Embora a realidade virtual não seja uma recente descoberta, tornou-se em poucos anos a relação democrática mais acessível dentro dos parâmetros de globalização da informação. Os processos de informatização que criam o limite entre o natural e o artificial, formando assim, o ciberespaço e o ponto de análise para os reflexos desse processo de movimento da cultura.

Objetiva-se, assim a possibilidade de entender como os sujeitos processam suas identidades no ciberespaço, por meio da dinâmica da cibercultura e como eles se utilizam desses mecanismos para formação e transformação das relações sociais. Analisar o processo diacrítico de desse processo no “eu” e a transformação do sujeito contemporâneo. Do ponto de vista metodológico será utilizada uma gama de referências e de formas de se compreender as transformações sociais bem como o método hermenêutico-dialético que visa à interpretação do objeto por meio da condição de virtualização do sujeito.

2 A DIALÉTICA DA IDENTIDADE: a referência histórica do “eu”

A construção do ideal de identidade perpassa por diversos campos sociais, e dentre suas múltiplas atribuições o que se consagra é a complexidade de extrair um elemento que abarque a totalidades dos pressupostos. O mundo que se identifica a partir de componentes individuais e sociais opera com a identidade como força capaz de estabilizar o mundo social. O conceito válido para discussão é o de identidade que segundo Stuart Hall (2001) “é demasiadamente complexo e como ocorre com outros fenômenos sociais, é impossível



oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros [...] (p. 07). Desse modo é possível desvelar a gama de possibilidades de tratar a questão da identidade bem como a relação que ela estabelece com o movimento do projeto da Modernidade.

Seja do ponto de vista antropológico, psicológico e, mesmo sociológico as várias relações com o “eu” desencadeiam conflitos que podem tanto centrar como descentrar os sujeitos por via da identidade. Stuart Hall (2006) trabalha a partir das “transformações associadas à modernidade” e delas descreve que a liberdade do sujeito tem três momentos históricos: o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O conceito de identidade trabalhado por vários campos sociais têm seu recorte mais significativo na condição da formação de um sujeito construído a partir do campo da Sociologia e da cultura pós-moderna presentes nos sujeitos “pluralizados”.

A dialética das identidades leva em consideração “a representação do indivíduo é uma construção social de vínculo social que lhe é consubstancial” (AUGÉ, 1994, p.24). O elemento caracterizador da identidade começa a se forjar por volta do final do século XIX quando a modernidade enquanto projeto “que pretendia libertar o indivíduo da liberdade herdada” (BAUMAN, 1998. p. 30) começava a ser lapidada. Nesses percursos vários condicionantes podem ser utilizados para explicar o significado da identidade e do “eu”.

Por outro lado, a Psicologia trabalha a questão da identidade levantando elementos de auto-atribuição referentes aos conjuntos de traços, imagens ou sentimentos como pertencentes ao indivíduo. (C.f GOFFMAN, 1985). Os traços imprimem uma marca que faz emergir significativos elementos de compreensão dos processos de atribuição individual. As marcas do cotidiano, para Maffesoli (1997) dão o sujeito uma função enquanto pessoa racionalmente capaz de dados partilhados. Para Bauman (1998, p.30) “o projeto moderno prometia libertar o indivíduo da liberdade herdada. [...] só transformou a identidade, que era questão de *atribuição*, em realização – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo. Para Giddens (2002, p. 09):

O “eu” não é uma entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjar suas auto-identidades, independentemente de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para [...] as influências sociais que são globais em suas conseqüências e implicações.

Esses elementos de um “eu” não passivo desarticulam em parte o ponto de vista psicológico, pois determinam em que instâncias os papéis sociais são articulados por atores sociais. O fundamento desta e de outras ciências passa a compor o arcabouço descritivo que culmina com variáveis que ao longo do tempo. O movimento histórico das grandes



navegações e o descobrimento de novas fronteiras abriu espaços para relação de contato entre colonizadores e colonizados de modo que, o processo resultante desse contato se estabelece como vínculo de estudo das relações sociais e da relação de alteridade que passam a nortear as referências do “eu” enquanto diferente do “outro”.

A “organização do espaço e a constituição dos lugares são, no interior de um grupo social, uma das motivações e uma das modalidades das práticas coletivas e individuais” (AUGÉ, 1994, p. 50). A organização e consolidação dos estados e articulação dos processos institucionais marcam a relação dos movimentos de mundialização dos espaços o que pode ser mais tarde estudado à luz da globalização. Na vertente Iluminista descrita por Stuart Hall (2006) a constituição do “eu” como o centro as relações é o que determina a identidade. Essa identidade revela a criação de mecanismo de autonomia em relação ao sujeito da Idade Média, sobretudo àquele capaz de ter uma lógica racional de criação e recriação de suas necessidades. A idéia é que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes, assim, a figura do sujeito era como um centro percorrido por outros centros.

Tal construção deve-se graças à possibilidade de conhecimento datada com os meios informacionais desenvolvidos e ampliados na época: imprensa, livros, enciclopédias, navegações entre outras. Em verdade os meios de reprodução e difusão de idéias, bem como, a (re) vivência de novos rumos econômicos, políticos e sociais acabaram por modificar as bases estruturais do sujeito causando, assim, as rupturas do sujeito do Iluminismo. A ligação de um sujeito sociológico, criado a partir da desarticulação do “eu” interdependente mostra de que modo a quebras dos preceitos iluministas se adequaram ao montante ideológico do capitalismo. As estruturas agora passam a estar interligadas de modo que o impacto de variáveis de diversos pontos da modernidade acabou por fragmentar o sujeito, assim “o processo de identificação [...] tornou-se mais provisório, variável e problemático”. (HALL, 2006, p.12).

A Modernidade passa ser o elemento de constituição e consolidação da identidade, na tentativa de criar estruturas para organizar os sujeitos em discursos unificados o projeto moderno cria “o sujeito humano”. As transformações associadas à modernidade libertam o indivíduo de seus apoios através das tradições nas estruturas (HALL, 2006, p.25), exigindo uma concepção de sujeito em que o “eu” se ligue a mecanismo de inserção na tradição criada, em línguas homogeneizadas e, principalmente, na alienação das bases fixas de poder institucional.

Diversos autores trabalham o mutável conceito de modernidade, entretanto a relação com o movimento do uma identidade pautada na articulação desenvolvida “consiste em



manter narrativas históricas, biografias coerentes”. Antony Giddens (2002, p.21) considera que a modernidade “refere-se às instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto”. Assim, várias características fundamentam a lógica da sociedade moderna, vias de regra a compreensão da mutabilidade de processos de ação social como modos de vida e, sobretudo, as identidades culturais que a custo foram forjadas pelos Estados ao longo dos tempos.

2.1 A identidade e a “pluralização” do sujeito

A identidade da pós-modernidade, bem como o próprio movimento que consolidada a idéia de um modo calcado nos valores de pós-modernidade são partes do processo onde a cultura passa a ser novamente (re) significada e passa por deslocamentos e questões de crise. Para Lévi-Strauss (1977) a “identidade é um tipo de foco virtual ao qual nos é indispensável refletir para explicar um certo número de coisas, mas sem que tenha jamais existência real” (p.332). Tal foco anteriormente centrado no sujeito com algo indubitavelmente concreto e permeado por dispositivos de legitimação perpassam pela lógica que se articula com a desfragmentação dos elementos culturais: a crise das identidades.

Stuart Hall (2006) descreve essa identidade calcada na consciência de si mesmo e no seu lugar social e, assim, passa pela chamada “crise da identidade”. Crise diante de da “perda do sentido do ser” pluralizada e pulverizada nos vários espaços de interação criados a partir das modificações sociais, políticas, econômicas e, sobretudo, culturais da quais a globalização e tecnologia informacional se tornam vertentes para compreender os vários sujeitos formados. A cultura da tecnologia diante de novos modelos de inserção, dos deslocamentos da condição de sujeitos produtores de conhecimento passa a delegar ao espaço virtual um significativo papel:

o que deve ser guardado para o entendimento da relação entre a tecnologia e a sociedade é que o papel do Estado, seja interrompendo, seja promovendo, seja liderando a inovação tecnológica, é um fator decisivo no processo geral, à medida que expressa e organiza as forças sociais dominantes em um espaço e uma época determinados" (CASTELLS, 1999, p. 31).

Desse modo, é improvável imaginar uma pessoa surgida fora da experiência social. Outra importante variável é a relação entre as identidades formadas e os novos modelos de interação. Não é fácil superar a dimensão individual da construção do cotidiano, o constate confronto com o outro cria, assim, o fundamento para identidade pessoal. O que é relevante



dentro da categoria identidade é como novas relações sociais passam a cada vez mais ser o elemento de conflito entre o “jogo” de novos modos de vida, trabalho, lazer, educação são impactados pelos projetos de tecnologias que transformam a mentes das pessoas e seus centros de poder. A modernidade, a revolução tecnológica e o combate a situação de localidade das comunidades cria os mecanismos de globalização e dispersão dos territórios. As potencialidades humanas fazem parte da dimensão simbólica das práticas sociais. A identidade social que funciona, nesse contexto, como um *self*, ou seja, “um conjunto relativamente estável de percepções sobre quem somos em relação a nós mesmos, aos outros e aos sistemas sociais” (JOHNSON, 2002, p.204).

A posição social a que corresponde e o sentimento de pertencimento que é delegado a cada um é, de uma forma ou de outra, mais ou menos moldado de acordo com os interesses em jogo. O *self* se projeta como aquilo que desejamos não o que, de fato, somos. Desse modo, construímos as relações sociais de modo que os elementos de socialização se processam na alteridade. O que se busca, entretanto não é necessariamente um *self*, mas a formação da identidade cultural dentro dos múltiplos espaços de articulação dos discursos. A identidade articula-se diretamente com o “eu” deslocado “das relações sociais dos contextos locais [...] através de partes indeterminadas do espaço-tempo” (GIDDENS, 2002, p.24).

A configuração de novas práticas de comunicação e relações sociais são fontes desencadeadoras de meios para que se possa discutir onde os antigos conceitos de identidade se encaixam. Conceitos de identidade pautados no movimento das novas configurações sociais se encadeiam como evidências de que o “eu” é uma lenta construção da sociedade sobre seus membros, por meio da relação entre o que se aprende e o que se ensina culturalmente. Bauman (2005, p.33) fala de identidades que se processam por meio de lógicas de conduta sociais calcadas nas implacáveis teias da modernidade. O projeto de construção social do sujeito do moderno é capaz de configurar um “eu” ligado por uma teia de interdependência, assim o desejo da identidade parte de um desejo de segurança sobre as comunidades ou coletividades impactadas pelos meios modernos de dominação. Assim, “No admirável mundo novo das oportunidades e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”

Tomando a construção das identidades formadas a partir das relações na cibercultura é necessário que busque as formas de construção que se processem no campo das comunidades virtuais. Comunidade no sentido atribuído por Bauman (2003, p.09) “é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance — mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir”. Segundo Santos (1986, p.18) o sujeito pós-moderno pode ser ao mesmo tempo



muitas coisas, é eclético “não tem unidade, é aberto, plural, muda de aspecto” e se articula graças as possibilidades de mudanças constantes. O que se pode buscar nesse sentido é em que medida a fragmentação desse “eu” se permeia na lógica de um mundo dinâmica. A tecnologia e, principalmente as tecnocracias são potencialmente favoráveis a capacidade e produção de conhecimento. Meios esses de produção que desde a invenção da escrita tem ganhado autonomia.

A identidade pós-moderna vê o “eu” como capaz de proliferar escolhas e, assim, “quanto mais à vida social de torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens [...] e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas” (HALL, 2006, 75). A virtualidade do saber juntamente com a possibilidade de controle do “eu” no mundo do ciberespaço cria algumas questões para buscar em que contexto as relações sociais são impactadas pela cibercultura e como essa identidade do ciberespaço é refletida ou é reflexo da sociedade pós-moderna.

3 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA: os elementos de virtualização do “eu” nas relações sociais

O termo “ciber” apresenta-se em diversos meios como um conjunto de particularidades que tratam da relação entre o espaço das vias de comunicação e a relação com mundo da técnica. Segundo André Lemos (2008) o termo “ciberespaço” foi inventado pelo escritor de ficção científica William Gibson em sua obra *Neuromancer* de 1984. O autor desenvolve sua obra a partir da lógica do simulacro de Baudrillard a relação ente o real e a alucinação do real. A matrix projetada cria em “úteros” a civilização pós-industrial assentada na completa dependência das máquinas, sobretudo dos computadores capaz de determinar a lógica das relações sociais.

Segundo Lévy (1999, p. 17) “o ciberespaço é um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores”. A relação com a formação de universo de elementos que vão desde a estreita relação com a *internet* a *web* e os usuários que mantêm-se no espaço de interação constante. Todo esse contexto é igualmente comparado com o mundo da *internet* por meio da virtualização dos processos sociais. Os conjuntos de rede de computadores interligados criam múltiplos caminhos de aproximação das pessoas e conseqüentemente uma “entidade real” de relação social. O ciberespaço é o lugar da utopia e da apropriação dos elementos “sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível” (LEMOS, 2008, p.03).



A cibercultura fundamenta-se como herdeira do Iluminismo, pois sua essência favorece o pensamento independente em todas as partes do mundo. A *internet* foi capaz de dar a cibercultura uma estreita relação com o fazer, além de favorecer valores culturais, estéticos. O ciberespaço dentro da cibercultura funciona com base na escrita e na interação dos participantes. O ciberespaço funciona como redes de comunicação, no sentido trabalhado por Castells (1999, p.499):

redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio.

A modernidade e suas múltiplas atribuições foram capazes de controlar, manipular e transmitir fluxos de informações diretamente ligados aos espaços físicos e as fronteiras da matéria, como um devir de instantâneos sem espaço e tempo articulado de forma fixa a pós-modernidade é capaz de desterritorializar os espaços de interação, criando tempos e gerando movimentos instantâneos de atuação. As sociedades da tecnologia, globalizadas e informatizadas tem as especificidades marcadas pelas experiências do ciberespaço. Como um conjunto de dispositivos informacionais e comunicacionais os mundos virtuais provocam verdadeira mudanças culturais. Os híbridos culturais (HALL, 2006) que ora podem delegar suas identidades nas relações sociais pautadas na relação direta, ora se mantêm em sistemas abstratos e nas trocas meramente simbólicas atribuindo, assim as relações sociais novas configurações.

A questão do ciberespaço se funde com a questão do tempo e do espaço discutidos pelos teóricos que tratam as consequências da modernidade (GIDDENS, 1999) ou mesmo a construção da pós-modernidade (BAUMAN, 1998). Para esses teóricos as quebras dessas barreiras de tempo e espaço e, mesmo a seguranças ontológica criam novas relações com essas estruturas. “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá como não-lugar”. Das muitas características do ciberespaço “o lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidas: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (AUGÉ, 1994, p.73/74).

Um ponto importante é o meio pelo qual o ciberespaço se incorpora na sociedade e passa a ser parte integrante da identidade. Os atores dessa modalidade de comunicação têm no espaço virtual o contexto de promoção dos elementos onde o discurso de processa para a



formação. O conteúdo virtual é a presença mediada por símbolos sempre apresentados em forma de potencia, ou seja, podem ser ou não formados. Virtual no sentido descrito por Pierre Lévy (1996) onde em oposição ao processo de virtualização o “real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual.” (p.17). A cibercultura cria outras possibilidades de presença virtual, desse modo:

a virtualização, passagem problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos. Por isso a virtualização é sempre heterogênea com seu contrário próximo e ameaçador, sua pior inimiga, a alienação [...]. (LÉVY, 1996, p.25)

Para Lemos (2008, p.08) “as formas de uma determinada sociedade vão cristalizar-se em objetos técnicos, nas instituições e no imaginário. Essas formas tendem a desenvolver-se de maneira autônoma e independente.” Com o advento do ciberespaço a relação da identidade com as novas configurações da sociedade ganhou relevância. Sob os modos pelos quais se podem definir elementos para compreensão da cultura do ponto de vista pós-moderna.

O ciberespaço se fundamenta a idéia de cibercultura, de modo que as diversas manifestações contemporâneas da cibercultura podem ser vistas como a expressão cotidiana dessa vida “tecnicizada” que se rebela contra as formas instituídas e cristalizadas. (C.f LEMOS, 2008). Nesse processo o “eu” virtualização tem a possibilidade de dar potencialidades a sua identidade, criando-se no mundo do “devir”. Para Castells (1999, p.504) “os processos de transformação social sintetizados no tipo ideal de sociedade em rede ultrapassam a esfera das relações sociais e técnicas de produção: afetam a cultura e o poder de forma profunda”.

3.1 O ciberespaço como representação da identidade

“As comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimentos suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço.” (RHEINGOLD, 1993, p.18). Desse modo se processa a relação com a identidade que se elegeu para este trabalho. O mundo virtual a partir do ciberespaço funciona quando se fornecem elementos para compreensão dos processos. No universo possível de significações “a subjetividade, a significação e a pertinência entram em jogo” (LÉVY, 1996, p.22) tomando corpo como formas de representação dentro das relações sociais. Os efeitos de se pensar nas potencialidades do mundo virtual visto através da tela do computador é também a questão de como as pessoas



criam seus mecanismos de identificação dentro desse sistema. O corpo virtualmente constituído passa a ter seus atributos e conseqüentemente suas características para a sociedade.

As contínuas mudanças nas relações sociais e a identidade são vias para compreender em que consiste essa identificação e como a relação com ela tem estreita ligação com os fluxos da sociedade pós-moderna. A questão psicológica anteriormente discutida apenas pode servir para compreender parte das mudanças que o “eu” ou o *sefl* passa a atribuir em relação com os espaços de interação. Outrora, autores como Hall (2006), Giddens (2002) e Bauman (1998) discutem a relação das identidades com os movimentos históricos e suas respectivas conseqüências para as coletividades. As chamadas “crises das identidades” datadas pelas constantes mudanças podem ser pensadas à luz dos contrastes entre o que se entende por real ou virtual.

A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos. (LÉVY, 1996, p.25)

Desarticular as identidades nacionais tal como se processam na sociedade para manter o poder dos Estados sobre os indivíduos as identidades pensadas a partir do ciberespaço comungam da condição de interdependência global são partilhadas por uma cibercultura. O interacionismo e trocas simbólicas dessas identidades são relacionadas diretamente à carga de valor atribuída por cada sociedade em questão. No caso de que sociedade é atribuída é válido compreender a partir dos movimentos pós-modernos onde o “eu” é desmembrado, dissolvido e constantemente datado de um arquétipo. Segundo Lemos (2008) todas as relações sociais serão mediadas pelo ciberespaço, volta-se para a lógica criada na obra de Gibson (1991) de que a realidade perpassa pela relação com a matrix, ou seja, os espaços de interação são mediados pelas máquinas. O ciberespaço é universal, pois se alimenta da interação dos participantes.

4 CONEXÃO ENTRE SUJEITOS E ESPAÇOS

Para compreender o elemento global da sociedade basta buscar a luz dos processos de formação dos mecanismos de reconhecimento social e as fragmentações das culturas locais. Os meios de comunicação e as tecnologias abrem espaços de transformação das estruturas sociais, desse modo, a sociedade pós-moderna se articula como fenômeno de “ideologia tecnocrática” (RODRIGUES, 2001, p.19). O capitalismo exigiu que as todas as relações



sociais fossem mediadas pelas a apresentação do “eu” descentrado da essência. Assim o poder dessas estruturas estava fortemente assentado na identidade cultural. A comunidade imaginada como sendo única, com preceitos e considerações inventa suas tradições e cria seus espaços de múltiplas atribuições. “A tradição inventada significa um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica que buscam inocular certos valores e normas de comportamento” (HALL, 2006, p.54). A quebra da tradição traz como conseqüências a criação de memórias que sejam constantemente remetidas as passado, a representação do discurso da unidade.

Do ponto de vista forma a construção dos Estados como instancias de forças legitimadas cria símbolos de identidade nacional pautas da identificação dos discursos legitimados, assim, as diferenças devem ser entendidas dentro do contexto de uniformização dos processos e das culturas e representadas a exaltar o ufanismo. Os principais mecanismos de sustentação da modernidade se assentam nos meios de comunicação circulantes, em todo caso o dinheiro forma-se como a força do discurso da unidade.

A construção da pós-modernidade remete-se ao conjunto de transformações ocorridas com os rompimentos sociais, culturais, éticos e ideológicos produzidos a partir da modernidade. Giddens (1991, p.11) trata o fenômeno a partir da idéia de “alta modernidade”, para ele a modernidade “refere-se a um estilo, costume de vida ou organização social emergida na Europa a partir do século XVII” e conseqüentemente a alta modernidade seria a relação com as conseqüências dessa modernidade fixadas em elementos de globalização, transformação das instituições e da cultura, bem como a fragmentação do indivíduo.

Em contrapartida, Bauman (1998) refere-se a pós-modernidade como elemento de desarticulação dos sujeitos e das culturas do “esvaziamento” do sentido da vida e da incerteza. A formação dos discursos nesses processos é fonte para compreensão da importância da informação em escala mundial. A tecnologia foi para a modernidade um importante instrumento de racionalização e de transformação da idéia de local e comunidade, bem como os elementos de uma construção global dos fenômenos de interação.

A identidade é um projeto de vida que tem na atribuição e na realização a possibilidade de construção de um terreno de estabilidades, em todo caso as relações sociais são forjadas a semelhança da vida dos que buscam a segurança de “estar no mundo global”. Global no sentido de um novo sentido aos conceitos de tempo e espaço e como esses elementos se articulam nas continuas redes de fluxos sociais. A globalização envolve um amplo processo de homogeneização dos discursos e, sobretudo, dos meios de difusão da informação. Para Martín-Barbero (2001, p.60) “o processo de globalização que agora



vivemos, é ao mesmo tempo um movimento de potencialização da *diferença* e de exposição constante de cada cultura às *outras*”.

Para compreender o elemento global basta buscar a luz dos processos de formação dos mecanismos de reconhecimento social e as fragmentações das culturas locais. Os meios de comunicação e as tecnologias abrem espaços de transformação das estruturas sociais, desse modo, a sociedade pós-moderna se articula como fenômeno de “ideologia tecnocrática” (RODRIGUES, 2001, p.19). Os alcances planetários da informação bem como as esferas comunicativas e organizacionais são realidades formadas, sobretudo pela consolidação da mídia como fonte da globalização. A inserção dos múltiplos meios de comunicação de massa como a televisão, rádio, *internet* são vias para entender como as sociedades fixam valores éticos e morais e como articulam discursos de democracias consolidadas.

Para Rodrigues (2001, p.21) “a comunicação [...] é um processo que ocorre entre pessoas dotadas de razão e liberdade”, assim no mundo democrático a cultura da globalização cria seus diacríticos para que a relação de poder se efetive nos discursos da maioria. O domínio público e a estrita relação com os modernos meios de comunicação são simbolicamente construídos de modo que a realidade e suas múltiplas variáveis sejam regras de um discurso incipiente. O cotidiano é estruturado como uma peça de quebra-cabeças e nesses enlaces vários sistemas abstratos (GIDDENS, 1999) são os responsáveis pela lógica de vivência dos indivíduos e por manter a ordem no espaço da desordem. O papel em contrapartida à condição de pessoa se expressa nas relações sociais efêmeras, ligadas a espaços de constante mudança e sempre centradas no que poderá se daqui a instantes.

Os alcances planetários da informação bem como as esferas comunicativas e organizacionais são realidades formadas, sobretudo pela consolidação da mídia como fonte da globalização. A inserção dos múltiplos meios de comunicação de massa como a televisão, rádio, *internet* são vias para entender como as sociedades fixam valores éticos e morais e como articulam discursos de democracias consolidadas. O caráter de mudança na modernidade, bem como descreve Giddens (1991, p.21) na modernidade entendida como produtora de formas sociais distintas, em constante mutação e assentada sobre os elementos de uma dominação legítima por meio de um aparato institucionalizado. Assim “a modernidade produz certas formas sociais distintas, das quais a mais importante é o Estado-nação”.

O signo da pós-modernidade se assenta nas fichas simbólicas, nos sistemas abstratos e, principalmente, num constante fluxo de (in) verdades e (in) certezas provenientes das várias condições de descoberta da ordem pós-tradicional. A necessidade de homogeneização dos Estados, as línguas nacionais se vêm parcialmente desarticuladas graças a cibercultura.



Hipoteticamente o ciberespaço é um lugar sem fronteira e sem línguas gerais, o comparativo com a globalização revela um espaço de infinitas atribuições onde as identidades podem “vagar” como não-matéria. Entra em declínio o individualismo e surgem sucessivas agregações da vida cotidiana marcadas pelos processos de virtualização das relações sociais.

5 CONCLUSÃO

A articulação do discurso da identidade está pautada, sobretudo, nos contrapontos da cultura pós-moderna de modo que os diferentes modos como o discurso é agregado, no decorrer da história, as imagens cristalizadas e impregnadas na sociedade e, mais além, o caráter negativo ou positivo que se dá a essa agregação. É, necessário, desse modo, compreender o processo e a dinâmica das contradições existentes, de modo, que entender a cadeia de interdependência da sociedade pós-moderna possa atender aos macros processos da identidade e da relação direta que se estabelece com as relações sociais mediadas pelo ciberespaço. Para Giddens (2002) o “eu” não funciona de modo passivo, recebendo os atributos de uma cultura global ou relações com as comunidades virtuais. Na tentativa de construir suas identidades o sujeito é impactado por múltiplas atribuições dos sociais, as relações que estabelece ao longo de suas práticas, o espaço e o tempo e os lugares onde suas “pertencas” são criadas fazem parte de uma projeção do “futuro de experiências mediadas. Há, também uma perda do domínio da tradição e o sujeito passa cada vez mais ser apto a transformar sua intimidade em “novas esferas da vida social”.

A identidade funciona, nesse processo como um projeto que tem como meta manter uma biografia concisa e de múltiplas variações, um relação com o social estritamente mediada por instituições abstratas e uma alienação da relação de poder que se estabelece com os mecanismos de controle sociais cada vez mais criadores de isolamento social. É nesse contexto que se pode repensar os limites da atuação pessoal numa esfera global e onde tais “eus” tenham um conceito de presença acima dos atributos hedonistas que a sociedade pós-moderna é capaz de produzir.

Assim, “as relações sociais deixam de estar apenas dependentes da vontade espontânea dos indivíduos e das comunidades” (RODRIGUES, 2001, p.32) humanas e perpassam pela construção do mito da liberdade de “ser quem quiser ser”. A segurança da identidade que se cria nas relações social é trocada pela constante vigilância das comunidades virtuais. O ser ontológico é o ser das incertezas quanto ao que se é e, sobretudo quanto ao que se busca ser. O mundo da realidade virtual é capaz de garantir que a existência seja algo que pode ser



instantaneamente modificado, assim, as relações sociais também passam a ser construídas dentro dessa lógica, pois “os amigos” das redes de relacionamentos podem ter atributos atraentes, serem legais, tratarem as pessoas de forma amigável. Outrora, tem no mundo do ciberespaço para se formar de um jeito único, um mundo onde o impossível é não compartilhar desses elementos.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. **Identidade**: entrevista concedida a Beneditto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentezein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – a era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 1991.

GIDDENS, Antony. **As Conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOFFMAN, Erwing. **A representação do eu na vida cotidiana**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Tradução de Ruy Jungmann. Jorge Zahar Editor: São Paulo, 2002.

LEMONS, André. **Ciber-socialidade**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt_and3.htm> Acesso dia 28 de Novembro de 2008.

_____. **As estruturas antropológicas do cyberespaço**. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcy1.html>> Acesso dia 29 de Novembro de 2008.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribulação do mundo. Porto Alegre, Selena, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. São Paulo: Conrad, 2001.



LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed 34, 1996.

_____. **Cibercultura.** São Paulo: Ed 34, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** São Paulo: Editora Nacional, 1970.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual.** Lisboa: Gradeva, 1993.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura:** a experiência cultural da informação. São Paulo: Conrad, 2001.

SANTOS, Jair Ferreira. **O que é pós-moderno.** São Paulo: Brasiliense, 1986.